

SIDELES MENDES SOARES PINHEIRO

NARCISISMO
da infância à velhice

Como perceber e lidar

2025



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

SUMÁRIO

Prefácio.....	9
Capítulo 1	
Introdução ao Narcisismo.....	11
Capítulo 2	
A Formação do Eu e o Narcisismo Primário.....	17
Capítulo 3	
Narcisismo Secundário e o Desenvolvimento da Identidade.....	21
Capítulo 4	
O Estádio do Espelho e a Formação do Eu Ideal.....	27
Capítulo 5	
Narcisismo e Femicídio.....	35
Capítulo 6	
Narcisismo e Relações Parentais.....	39
Capítulo 7	
Narcisismo na Adolescência.....	45
Capítulo 8	
Narcisismo na Vida Adulta.....	51
Capítulo 9	
Narcisismo Grandioso e Vulnerável.....	57
Capítulo 10	
Narcisismo Grandioso e Vulnerável.....	63
Capítulo 11	
Narcisismo Patológico e Transtornos de Personalidade.....	69

Capítulo 12	
Narcisismo e Cultura Contemporânea.....	75
Capítulo 13	
Narcisismo e Violência: O Caso do Femicídio.....	81
Capítulo 14	
Conclusão: O Futuro do Narcisismo na Psicanálise.....	87
Capítulo 15	
Epílogo.....	93
Referências.....	97

AMOSTRA

PREFÁCIO

É com grande satisfação que apresento o livro “Narcisismo da Infância à Velhice: Como Perceber e Lidar com Ele”, de autoria de Sideles Mendes Soares Pinheiro. Esta obra oferece uma análise técnica e abrangente do narcisismo ao longo do ciclo de vida, abordando suas manifestações desde a infância até a velhice e proporcionando orientações práticas para identificar e lidar com suas diferentes expressões.

O narcisismo, enquanto conceito central na psicanálise, foi originalmente introduzido por Sigmund Freud como uma fase essencial no desenvolvimento psíquico, onde o investimento libidinal se volta para o próprio ego. Esta obra não apenas explora essa fundamentação freudiana, mas também avança, integrando contribuições significativas de teóricos contemporâneos como Otto Kernberg, que discute o transtorno de personalidade narcisista, e Juan-David Nasio, que aborda as interseções entre narcisismo e violência.

Sideles Mendes Soares Pinheiro apresenta uma visão detalhada do narcisismo em diferentes fases da vida, contextualizando-o nas dinâmicas familiares, sociais e culturais que influenciam sua expressão. A análise inclui a “cultura do narcisismo”, conceito popularizado por Christopher Lasch, e como essa cultura é exacerbada pelas redes sociais e pelo individualismo contemporâneo, fatores que intensificam as manifestações narcísicas em nossa sociedade.

A obra também examina as formas patológicas do narcisismo e suas consequências, como no caso do feminicídio, oferecendo uma compreensão profunda das dinâmicas de poder e controle que podem levar à violência extrema. A autora combina a teoria psicanalítica com estudos de caso e estratégias práticas, tornando este livro uma ferramenta essencial tanto para profissionais da psicanálise

quanto para leitores interessados em compreender as complexidades do narcisismo em diferentes contextos.

“Narcisismo da Infância à Velhice: Como Perceber e Lidar com Ele” é uma contribuição significativa para a literatura psicanalítica e um recurso valioso para aqueles que buscam entender e intervir nos desafios que o narcisismo apresenta ao longo da vida. A obra da autora Sideles Mendes Soares Pinheiro é, sem dúvida, uma leitura essencial para qualquer pessoa interessada em aprofundar seu conhecimento sobre este tema fundamental.

MÁRCIO GOMES DA COSTA
Psicanalista e Escritor

AMOSTRA

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO AO NARCISISMO

O conceito de narcisismo, desde sua concepção por Sigmund Freud em 1914, desempenha um papel central na psicanálise, especialmente na compreensão da constituição do sujeito e nas complexas dinâmicas que regem a relação entre o indivíduo e o mundo. Freud introduziu o termo “narcisismo” inspirado pelo mito grego de Narciso, uma figura mitológica que se apaixona por sua própria imagem refletida na água, incapaz de se desviar dela, até que sucumbe a esse amor autocentrado. A escolha do termo por Freud não foi arbitrária; o mito oferece uma metáfora poderosa para a condição psíquica em que o indivíduo volta sua libido para si mesmo, em vez de direcioná-la a objetos externos. Freud utilizou o termo para descrever essa dinâmica interna onde o ego se torna o principal objeto de investimento libidinal, ilustrando tanto uma fase essencial do desenvolvimento quanto um possível fator de patologia.

No texto “Introdução ao Narcisismo” (1914), Freud propõe que o narcisismo é uma fase do desenvolvimento humano na qual a libido está voltada para o próprio ego. Essa fase é essencial para a constituição do sujeito e se divide em narcisismo primário e secundário. No narcisismo primário, a libido é completamente investida no eu, uma condição associada ao período infantil, quando a criança ainda não distingue claramente entre si mesma e o mundo externo. Este estágio inicial é essencial para a formação do ego, que posteriormente se desdobrará em diferentes formas de relação com o outro. Já o narcisismo secundário ocorre quando a libido, antes investida em objetos externos, retorna ao ego,

especialmente em situações de frustração ou perda. Esse movimento representa não apenas uma retirada, mas um reposicionamento da energia psíquica, podendo estar relacionado às pulsões de vida (Eros) e de morte (Tânatos), conforme Freud explorou em suas obras posteriores.

A teoria freudiana do narcisismo foi expandida e reconfigurada por outros teóricos psicanalíticos, oferecendo novas perspectivas sobre a relação entre o narcisismo e a estrutura psíquica. Jacques Lacan, por exemplo, revisitou o conceito de narcisismo em sua teoria do estágio do espelho. Segundo Lacan (1949), o estágio do espelho representa o momento em que a criança se reconhece em sua imagem refletida, dando início ao processo de constituição do “eu”. Esse reconhecimento é ao mesmo tempo alienante e constitutivo, uma vez que o “eu” se forma a partir de uma imagem exterior que é idealizada. O narcisismo, nesse contexto, é visto como uma relação do sujeito com uma imagem ideal, um “eu” que se constitui a partir do desejo e da falta, elementos centrais na teoria lacaniana do desejo e da linguagem.

Melanie Klein, por sua vez, abordou o narcisismo a partir de suas observações sobre o desenvolvimento infantil e a teoria das posições. Klein (1935) propôs que o narcisismo primário está relacionado às fantasias inconscientes que dominam a vida psíquica do bebê, especialmente em relação ao objeto materno. Na posição esquizoparanóide, a criança projeta e introjeta partes do objeto, desenvolvendo um senso de self que está intrinsecamente ligado à dinâmica de amor e ódio. O narcisismo, nessa visão, está vinculado à forma como o sujeito lida com seus objetos internos e externos, com implicações profundas para o desenvolvimento de patologias como a psicose e o transtorno borderline.

Donald Winnicott contribuiu para a discussão ao introduzir o conceito de “self verdadeiro” e “self falso”,

diretamente relacionados ao narcisismo. Winnicott (1960) argumenta que o narcisismo saudável está relacionado à capacidade do indivíduo de desenvolver um self verdadeiro, que surge em um ambiente suficientemente bom, onde as necessidades do bebê são adequadamente atendidas. O self falso, por outro lado, emerge como uma defesa contra um ambiente hostil ou insuficientemente responsivo, levando a uma forma patológica de narcisismo, onde a pessoa se esconde atrás de uma fachada de adequação social, mas sente-se internamente vazia.

Anna Freud, filha de Sigmund Freud, também fez contribuições significativas ao estudo do narcisismo, especialmente no contexto da adolescência. Em seu trabalho sobre os mecanismos de defesa, Anna Freud (1936) descreveu como o narcisismo pode se manifestar na adolescência através da reativação de mecanismos primários, como a identificação com figuras ideais e a formação reativa. O narcisismo secundário, nesta fase, é visto como uma forma de proteção do ego, que busca reafirmar-se diante das intensas mudanças internas e externas que caracterizam a adolescência.

Na contemporaneidade, o narcisismo continua a ser um tema de intenso debate e estudo. Otto Kernberg (1975), em seus estudos sobre as organizações borderline e narcisistas, explorou como as dinâmicas do narcisismo estão intrinsecamente ligadas à cultura moderna e às formas patológicas de relacionamento interpessoal. Kernberg descreve o narcisismo patológico como uma falha na integração das representações do self e do objeto, resultando em uma fragilidade do ego e em relações interpessoais marcadas por manipulação e superficialidade.

Heinz Kohut, por sua vez, revolucionou a compreensão do narcisismo ao desenvolver a teoria do self, destacando a importância dos “selfobjects”, ou objetos (ou pessoas) externos, que são utilizados pelo indivíduo para manter a

coesão e a estabilidade do self. Kohut (1971) argumenta que indivíduos narcisistas têm uma necessidade intensa de usar selfobjects para validar sua grandiosidade e manter sua integridade. Essas necessidades emergem frequentemente em resposta a experiências precoces inadequadas com cuidadores, que falharam em fornecer o suporte necessário para o desenvolvimento de um self saudável.

O narcisismo é, portanto, um traço de personalidade que se manifesta de diversas formas ao longo da vida, sendo mal compreendido e muitas vezes estigmatizado. Na infância, o narcisismo começa em um período crítico, onde as primeiras interações e o ambiente familiar podem iniciar a formação de uma autoimagem saudável ou distorcida. Na adolescência, uma fase marcada por transformações intensas e busca de identidade, o narcisismo pode se manifestar de maneiras variadas, influenciando a autoestima e a socialização. A vida adulta traz novas responsabilidades e relações íntimas e sociais, onde o narcisismo pode determinar o sucesso nas carreiras e nos relacionamentos, mas também gerar conflitos e dificuldades emocionais. Na velhice, o narcisismo pode assumir novas formas, influenciando como os indivíduos lidam com a perda, a mudança e a introspecção.

O entendimento do narcisismo também foi formalizado no campo da psicopatologia. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM- 5) incluiu o transtorno de personalidade narcisista como uma categoria de distúrbio de personalidade. Este transtorno é caracterizado por grandiosidade, necessidade de admiração e falta de empatia (APA, 2013), refletindo o que a teoria psicanalítica identificou como uma falha na integração das representações do self e do objeto, resultando em uma personalidade frágil e relações interpessoais problemáticas.

Portanto, a compreensão do narcisismo vai muito além de uma simples fixação no próprio ego. Trata-se de uma

condição complexa, que pode ser tanto uma fase normal do desenvolvimento quanto evoluir para formas patológicas com profundas implicações para a saúde mental e os relacionamentos ao longo da vida. Explorando desde suas raízes míticas até suas manifestações clínicas modernas, o estudo do narcisismo continua a oferecer insights valiosos sobre a natureza humana e as dinâmicas psíquicas que moldam o comportamento.

AMOSTRA